

Problematizações acerca de um relato de experiência: o caso de uma escola estadual da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Problematizaciones sobre un relato de experiencia: el caso de una escuela pública en la región metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Problematizations about an experience report: the case of a state school in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Joanah Dal Mas dos Santos¹

Paulo Fossatti²

Marina Ortolan Araldi³

RESUMO:

O tema apoia-se nas reflexões advindas da experiência de um estágio curricular. O objetivo consiste em problematizar as vivências de um estágio na área da psicologia escolar, realizado em uma escola pública. A metodologia configura-se num relato de experiência, qualitativa e do tipo descritiva. Para isso, utilizou-se o diário de campo do estágio, buscas através de livros e plataformas de pesquisas. Os resultados apontam: O bullying encontra-se presente no ambiente escolar e a banalização ainda é recorrente; A família atua de forma significativa no processo ensino-aprendizagem e comportamento do aluno; A transferência professor-aluno interfere na ética profissional; A demanda do sistema educacional prejudica na delimitação de papéis dos profissionais escolares, afetando o atendimento adequado ao aluno. Ademais, foi observado a necessidade de formações para os educadores sobre desenvolvimento, consentimento e sexualidade. Por fim, compreende-se a relevância dos estágios e observação dos problemas enfrentados pela escola ante olhar da psicologia escolar.

Palavras-chave: Educação Superior; Psicologia Escolar; Educação Básica; Práticas; Brasil.

RESUMEN:

¹Estudante do curso de Psicologia da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas e bolsista de iniciação científica do Grupo de Pesquisa Gestão Educacional nos Diferentes Contextos, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Canoas, Brasil. E-mail: joanah.dalmas@hotmail.com

²Doutor em Educação. Pesquisador e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle, Unilasalle Canoas e Reitor desta universidade. Líder do Grupo de pesquisa Gestão Educacional nos Diferentes Contextos. Canoas, Brasil. E-mail: paulo.fossatti@unilasalle.edu.br

³Mestre em Psicologia Clínica e Professora de graduação em Psicologia na Universidade La Salle. Canoas, Brasil. E-mail: marina.araldi@unilasalle.edu.br

El tema se basa en reflexiones de la experiencia de una práctica curricular. El objetivo es problematizar las experiencias de una asignatura de práctica en el campo de la psicología escolar, realizada en una escuela pública. La metodología se configura en un relato de experiencia, cualitativo y descriptivo. Para eso, utilizamos el diario de campo de prácticas, búsquedas a través de libros y plataformas de investigación. Los resultados indican: El bullying está presente en el entorno escolar y la banalización sigue siendo recurrente; La familia actúa de manera significativa en el proceso de enseñanza-aprendizaje y el comportamiento del alumno; La transferencia de maestro a alumno interfiere con la ética profesional; La demanda del sistema educativo perjudica la delimitación de roles de los profesionales escolares, afectando la adecuada asistencia del alumno. Además, se señaló la necesidad de capacitar a los educadores sobre desarrollo, consentimiento y sexualidad. Finalmente, entendemos la relevancia de las prácticas y la observación de los problemas que enfrenta la escuela ante a la psicología escolar.

Palabras-clave: Educación superior; Psicología escolar; Educación básica; Prácticas; Brasil.

ABSTRACT:

The theme is based on reflections from the experience of a curricular internship. The objective is to problematize the experiences of an internship in the field of school psychology, carried out in a public school. The methodology is configured in an experience report, qualitative and descriptive. For that, we used the internship field diary, searches through books and research platforms. The results indicate: Bullying is present in the school environment and trivialization is still recurrent; The family acts significantly in the teaching-learning process and the student's behavior; Teacher-student transfer interferes with professional ethics; The demand of the educational system impairs the delimitation of roles of school professionals, affecting the adequate attendance to the student. In addition, the need for training for educators on development, consent and sexuality was noted. Finally, we understand the relevance of internships and observation of the problems faced by the school in view of school psychology.

Keywords: Higher Education; School Psychology; Basic education; Practices; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A educação tem um papel importante na formação do sujeito como indivíduo, portanto, se faz presente em muitos aspectos desse processo de transformação. Dito isso, as Instituições de Ensino Superior (IES) contribuem constantemente na relação comunidade, escola e sujeito, seja através do tripé ensino-pesquisa-extensão, voluntariados ou com estágios obrigatórios ofertados. Por meio da demanda do sistema educacional, o olhar atento perante a subjetividade, e expressão dela, dos alunos e professores acaba sendo desvalorizada (Rossato

& Martínez, 2011) sendo presente a generalização, com o objetivo de prosseguir com a ordem que exige o sistema.

É relevante pensar na relação entre indivíduo para além dessa generalização, ultrapassando apenas os campos: individual e social, presentes na construção do ser humano. O indivíduo se organiza num emaranhado complexo e integral, na qual a subjetividade é desenvolvida historicamente, biologicamente, inconscientemente, entre outras características (Rossato & Martínez, 2011). Delimitar os indivíduos, por mais fácil que se pareça, ainda é uma alternativa errônea. Nesse contexto, fortalece-se a presença de psicólogos em diversos ambientes, mas, sobretudo, no ambiente escolar. Foi através das observações de problemáticas vivenciadas na escola pública estadual, que percebe-se o olhar da psicologia ante as questões apresentadas.

A observação em psicologia consiste na distinção de um fenômeno. O desafio da observação em psicologia baseia-se na percepção além do fenômeno: no que está latente, no não dito, o que está entre o dito, na legenda (Orrico, 2016). Neste sentido, corrobora-se com Zimmerman (2008) quando se aponta a observação para além da verbalização. Assim, como expõe o autor, a verbalização se dá através de “mensagens implícitas do que está subjacente ao verbo, ou oculta pelo mesmo, bem como, também, na ausência do verbo, como algum gesto, somatização, atuação, etc.” (Zimmerman, 2008: 155).

Para isso, o diário de campo utilizado durante a realização do estágio é um instrumento importante, visto que fornece ao estudante não apenas a descrição, mas também ajuda a elaborar a observação da prática em psicologia. Dessa maneira, se estabelece a descrição no decorrer do trabalho acerca de um estágio curricular obrigatório de observação em psicologia numa escola pública estadual, na qual será problematizado posteriormente ante o olhar da psicologia escolar.

Posto isso, o tema apoia-se nas reflexões advindas da experiência de um estágio curricular. O objetivo consiste em problematizar as vivências de um estágio na área da psicologia escolar, realizado em uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A metodologia se configura num relato de experiência de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Para isso, foi utilizado o diário de campo do estágio realizado no ano de 2019, bem como de buscas através de livros e plataformas de pesquisas.

Assim, a arquitetura do trabalho está disposta da seguinte forma: 2 Metodologia, seguido de 3 Desenvolvimento: 3.1 Problematizações acerca da experiência vivida; 4

Resultados e Discussões: 4.1 Resultados subjetivos: a observação em psicologia(escolar); 5 Considerações Finais e, por fim, as Referências.

2 METODOLOGIA

Fortunato (2018: 37) ressalta a indispensabilidade do diário de campo para instrumento de pesquisa, para ele, é no diário que o pesquisador (nesse caso, observadora) “anotaria o que se estava vendo e ouvindo, mas também o que era percebido, sentido, vivido”. Visto a relevância do diário como instrumento, o diário de campo do estágio realizado em 2019 foi um dos instrumentos utilizados para a realização deste trabalho.

Outros instrumentos como: as primeiras considerações e fundamentações, baseadas em artigos pesquisados no ano passado no Google Acadêmico, bem como em livros e buscas por artigos publicados nos últimos 5 anos, nas plataformas de pesquisa Google Acadêmico e Capes Periódicos. Posto isso, o trajeto metodológico se configura como relato de experiência, de abordagem qualitativa do tipo descritiva.

Fortunato (2018) salienta a contribuição do relato de experiência como método científico quando o considera apreendedor de diversos significados, ou seja, a partir dele tanto o pesquisador quanto o leitor pode observar diferentes pontos de vistas, investigar diferentes momentos e compreender diversos significados em apenas uma situação.

Para isso, o autor descreve alguns passos essenciais na elaboração de um relato de experiência, sendo esses: 1) Antecedentes; 2) Local; 3) Motivo; 4) Agente(s); 5) Envolvidos; 6) Epistemologia para ação; 7) Planejamento; 8) Execução; 9) Análise por uma lente teórica. Seguindo os elementos de Fortunato (2018) para a elaboração do relato de experiência discutido na próxima seção, apresenta-se tais elementos essenciais:

Os antecedentes consistiram no convênio para realização de estágios curriculares entre uma escola da rede básica estadual com uma IES comunitária. Para tal, a figura de acolhimento dos estágios de psicologia na escola se dá através da orientação educacional, na qual assina como responsável. O motivo parte da necessidade de observação que o currículo do curso de psicologia exige. O local é uma escola estadual da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. A agente é uma estudante do curso de psicologia de uma IES comunitária da região metropolitana de Porto Alegre. Os envolvidos resumem-se na

referida estudante, supervisora de estágio, orientação educacional da escola, alunos, professores, estagiários e demais funcionários.

A epistemologia para ação configura-se a partir da prática de observação na psicologia. Dessa forma, o ponto de partida se dá por meio da área da psicologia escolar. O planejamento utilizado foi o plano de ensino da disciplina de estágio básico I ofertado pela IES comunitária e a execução se deu através da prática de observação em psicologia, da escola estadual por 20 horas, durante as tardes do mês de junho. Por fim, a análise por uma lente teórica se dá através de Silva (2005) em ““Fracasso” escolar: que lugar é esse? Psicanálise e educação”; Orrico (2016) “Gabinete de intervenção comunitária”; Zimerman (2008) “Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão” e Maia e Mahfoud (2011) e a “Experiência elementar e psicologia: da consciência de si à construção do contexto educacional”, na qual irão ser percorridos a seguir.

Neste contexto metodológico, Silva (2005) contribui no entendimento de diversas perspectivas escolares a partir do viés da psicanálise. As problematizações advindas da experiência do estágio surgem a cada observação. Assim, diversos apontamentos feitos corroboram com Silva (2005) quando demonstra: a importância de ouvir o discurso dos alunos; a não normatização do enquadramento dos alunos como sujeitos em diferentes padrões; o “fracasso” escolar como resposta a demanda do sistema que é inserido. Assim, a empregabilidade deste método corrobora com a proposta do presente estudo: as problematizações advindas da experiência de um estágio curricular.

Neste sentido, através das contribuições de Maia e Mahfoud (2011), consegue-se fazer o movimento entre as problematizações advindas da experiência vivida e a elaboração do presente artigo. Os autores destacam que na experiência elementar, o sujeito, este entendido aqui como a observadora do estágio,

Imprime sua participação particular e original na construção do mundo, ordenando seus recursos na busca pela realização de suas exigências. Tal movimento acontece no encontro com a realidade entendida como contexto histórico, material, cultural e social. O real provoca na pessoa os sentimentos e reações que refletem sua exigência e é dentro dele que ela precisará se posicionar (Maia & Mahfoud, 2011: 350).

A partir do reconhecimento da exigência (neste caso se dá através da observação e a mobilização que ela causou) se dá um importante exercício da razão, segundo Maia e Mahfoud (2011), pois este permite apreender a realidade. Sempre considerando a apreensão

da realidade através de Zimmerman (2008) e Orrico (2016) ante olhar da psicologia escolar e, principalmente, da observação em psicologia, na qual baseia-se o estágio realizado.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

O relato de experiência concentra-se em torno das 20 horas de observação durante as tarde do mês de junho, feitas na referida escola estadual localizada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Durante o turno da manhã a escola atende alunos do ensino médio, já no turno da tarde, a concentração se dá nos alunos do ensino fundamental. Para o exercício da observação ser possível no estágio ofertado pela IES, é preciso que um profissional assine e se responsabilize pelo estudante no local de estágio, assim como a supervisora da IES se responsabiliza e apresenta o estudante por meio de uma carta de apresentação.

Depois das combinações feitas e do local ser escolhido, o estudante entra em contato com o local de estágio para serem acordados os horários de observação, juntamente com o responsável por acompanhá-lo. Neste caso, o responsável era a orientação educacional da escola.

O primeiro dia de observação centraliza-se sobre um caso de racismo entre duas crianças. A problematização acerca dessa observação se dá no manejo da orientação diante da situação. Tão importante quanto refletir sobre o racismo, é ser antirracista.

Assim, percebe-se que o ambiente escolar tem papel fundamental na educação antirracista: o que pode não se apresentar no núcleo familiar, possivelmente pode se apresentar na escola. Neste sentido, Gadioli (2017) aponta alguns fatores importante acerca da educação antirracista: educar para conviver com os outros; valorização da história e cultura negra, como algo positivo. A autora ressalta a importância desse lugar no cotidiano escolar, lugar possível para pensar sobre as diferenças e diversidade, para ir além do preconceito e da branquitude.

Falar sobre educação antirracista é entender que o racismo se dá de diversas formas: se dá através da atitude racista de uma criança contra outra, como foi observado, se dá nas

entrelinhas do discurso das pessoas. É possível perceber que reconhecer a fala racista ainda é necessário, não só para a desconstrução do racismo, mas também para a fomentação da educação antirracista.

Neste mesmo dia de estágio, a orientação escolar voltou-se para a banalização a respeito de um suposto psicodiagnóstico do aluno praticante do ato de racismo. Neste sentido, Mesquita e Campos (2011) corroboram quando expõe o fato do psicodiagnóstico ser entendido como justificativa para problemas que as escolas enfrentam, sendo uma delas os “desvios de comportamento”. As autoras apontam também que essa padronização e classificação apresentam-se “como um processo sutil, porém tem consequências profundas” (Mesquita & Campos, 2011: 314). Essa classificação não prejudica apenas a relação aluno, família, escola, mas também o comportamento do estudante e soluções diferentes advindas dos professores para os problemas apresentados por eles.

Na sequência das observações, foi percebido a solicitação de uma aluna, das séries finais do ensino fundamental, para sala da orientação educacional. A estudante vem de uma transferência de escola. Tal transferência se deu por causa de um caso de bullying que a aluna sofreu. Diante desta situação a orientação educacional focou em se atualizar no rendimento escolar da menina e, ao perguntar sobre a situação motivo da transferência, preocupou-se em achar alguma outra problemática envolvendo o bullying, do que sobre a agressão em si.

Pode-se perceber através do relato desse dia de estágio, a necessidade de interpretação advinda da orientação educacional. Conforme Justo (2008), é importante que a compreensão seja substituída pela interpretação, pelo imediatismo que a teoria por vezes exige. O autor ainda ressalta que ao trocar a posição de interpretação para a de compreensão e, consequentemente de escuta, faz com que contribua para uma atitude a ser tomada, no caso exposto: uma atitude compreensiva a ser tomada referente a nova aluna advinda de uma transferência de escola, consequência de bullying.

Outra observação importante a ser destacada, que chegou até a sala da orientação educacional, foi o caso do baixo rendimento escolar de uma aluna. Quando a responsável pela criança foi até a orientação esclareceu o caso: não conseguia acompanhar as tarefas da filha porque estava trabalhando com carga horária maior em um hospital, e a avó da criança não atentava-se para os deveres escolares da aluna. Assim, observa-se a importância do acompanhamento da família junto com o aluno, em suas atividades escolares, para um bom rendimento escolar.

O aprender e o viver são como duas faces de uma mesma moeda. Como já tivemos a oportunidade de mostrá-lo, o sujeito vive porque, em última instância, alguém o sustenta, isto é, há um outro que o pulsiona permanentemente a continuar vivendo. O outro o pulsiona e, de certa forma, “enfia” no seu organismo as pulsões (sempre parciais) para que assim realizem seu trabalho silencioso de fazer avançar o sujeito sempre um pouco mais. Na “origem”, o organismo pode padecer de uma certa “efervescência reflexiva”, mas pouco importa se se trata de reflexos “puros” - manifestação imaculada de uma interioridade qualquer - ou se eles já levam, ao contrário, as marcas da solicitação do “meio”. O que nos interessa ressaltar, como sendo realmente decisório, é o fato de que o sujeito se depara sempre com um adulto (Lajonquière, 2007: 183-184).

Existe aprendizagem quando um adulto pede a criança que conheça algo novo. Lajonquière (2007) dá como exemplo a solicitação para criança aprender a sugar o peito: assim se dá a aprendizagem para o conhecimento. Entende-se o Outro como a família: o Outro pulsiona, portanto, solicita que a criança avance para o desconhecido, para o viver e assim, para o aprender. Assim, o adulto, o Outro, deseja que a criança aprenda. Em contrapartida, a criança deseja fazer-se desejar. É nesse enlace que a presença familiar se dá, de forma silenciosa, no fazer aprender da criança, assim como no viver.

Durante os dias passados na escola, pôde-se observar os alunos das séries finais (ensino médio) durante uma festa comemorativa (festa junina) que a escola, os alunos e pais estavam realizando, junto com a comunidade. Neste dia, alguns alunos do ensino médio saíram para fazer uso do álcool. O álcool é uma droga lícita no Brasil, para maiores de 18 anos. É possível perceber a naturalização do uso da droga por adolescentes menores de 18 anos.

Há diversas significações sobre a relação entre o uso precoce do álcool e a naturalização desta atitude, como a mercantilização e o marketing que envolve as bebidas alcóolicas e as questões sociais e históricas (Barboza & Cardoso, 2016). Outro fator importante diz respeito às singularidades da fase do desenvolvimento humano e o uso do álcool.

A construção da identidade e o sentimento de pertencimento (Barboza & Cardoso, 2016) a algum grupo que se identifique é vivenciado na adolescência, assim como a maturação cerebral (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silvares, 2010). Posto isso, percebe-se que o adolescente experimenta significativa influência de seus pares. Ou seja, o uso precoce do álcool por adolescentes é uma soma de fatores, acarretando não apenas a inserção do jovem num determinado grupo, mas também a rápida sensação de prazer e satisfação.

O último dia de estágio foi marcado por um novo atendimento na sala da orientação educacional sobre bullying, com a coesão sobre um aluno em evidência. Dois alunos estavam coagindo um colega da sua sala (menor em idade e tamanho) para entregarem seu lanche, durante repetidos dias. Percebeu-se o medo e a resistência da vítima em contar a situação ocorrida, mesmo sabendo do envolvimento de sua responsável, a qual procurou a orientação educacional após descobrir a agressão. Quando os alunos praticantes do bullying foram chamados, pôde-se observar as diferentes atitudes dele, na qual oscilavam para culpa e arrependimento, mas também negação do ato praticado. Na sequência, a professora da turma desses alunos foi até a orientação educacional para debater acerca do caso de agressão exposto pela responsável da vítima. A docente tentou minimizar o caso, ao apontar a vítima como “mimado”. Ademais, um dos alunos agressores foi defendido pela mesma.

Posto isso, percebe-se a influência da transferência sobre a relação aluno-professor e a ética da atuação docente. Conforme Ferrari (2008: 15), a transferência “é uma relação que se estabelece na situação analítica na qual ocorre uma reedição das primeiras relações afetivas com a pessoa do analista”. Entretanto, essas reedições, como a autora destaca, se dá nas diferentes relações que o sujeito vivencia ao longo de sua vida.

A transferência parte da experiência que a pessoa teve/tem com os cuidadores primários. No setting terapêutico, é por meio da transferência a possibilidade do processo terapêutico, portanto ela é o fenômeno central (Silva, 2005). A transferência é exposta e desvelada (Ferrari, 2008) de diversas maneiras, o que também pode ser percebido na relação entre alunos e professores.

Nessa perspectiva, Silva (2005: 110) ressalta a relação entre a transferência e o complexo de Édipo: “sabe-se que o complexo de Édipo nunca declina de forma absoluta. Se fosse assim, se houvesse a resolução absoluta, a civilização estaria ameaçada, pois não existiria mais a possibilidade de identificação e estabelecimento de ideias, sendo que isto garante também a transferência”. Dito isso, a transferência serve como aporte para a identificação e produção de conhecimento, aprendizado esse compartilhado entre aluno e professor. A transferência professor-aluno pode ser percebida por meio do desejo e do poder (Silva, 2005). Portanto, esse fenômeno atua por meio do poder imposto pela figura do professor. É o professor que possibilita a transferência através do poder emanado dele, sobre o desejante, ou seja, sobre o aluno.

Posto tudo isso, a transferência convoca o professor ao lugar de poder, mas também de reedição, juntamente com o aluno. Nos achados de Silva (2005) pode-se observar, por meio da fala da professora, a relevância da compreensão do professor acerca da transferência aluno-professor, visto que ela pode influenciar a ação sobre o estudante. A autora ainda infere: “podemos hipoteticamente levantar a suposição que talvez a aluna tenha reeditado velhos fantasmas na professora [...]” (Silva, 2005: 114). Isso corrobora com o relato da presente observação. Foi através da transferência que a docente minimizou o caso e defendeu o aluno agressor, o que demonstra não apenas a transferência aluno-professor entre a vítima e a docente, mas também entre a docente, a ética e o agressor.

Ainda sobre este dia de observação, uma aluna dos anos iniciais chegou voluntariamente na sala da orientação educacional e expôs que um colega de turma tentou beijá-la. A orientação educacional chamou o menino, na qual o mesmo disse que foi influência de outro colega. Neste momento, o outro aluno foi solicitado, e confirmou tal comportamento. Após a saída dos estudantes, a orientação informou questões acerca do responsável do aluno que influenciou a atitude do colega sobre a criança.

A sexualidade infantil ainda se é pouco discutida na escola. A problematização adequada não veio da orientação educacional, tampouco posteriormente pela escola. Além disso, percebe-se a importância da influência vinda de casa e o perigo que pode-se encontrar presente no ambiente familiar. À vista disso, Casarotti (2011) expõe o embaraço que muitos educadores e profissionais escolares passam cotidianamente acerca da sexualidade infantil. A autora elucida através de seus achados, exatamente a mesma manifestação da sexualidade infantil, alvo da observação na referida escola estadual: “Professora, Júlio me deu um beijo na boca” (Casarotti, 2011: 116).

Casarotti (2011) aponta a importância do olhar singular do profissional diante de cada caso apresentado pelas crianças, o que está de acordo quando destaca-se que é relevante a problematização adequada acerca do assunto. Além disso, se faz importante a compreensão do desenvolvimento psicosssexual das crianças, para que assim, o educador/orientação educacional, possa manejar de forma cuidadosa a apresentação dessas questões.

Bordignon (2008) destaca nos seus achados os aspectos sociais que Erikson elaborou sobre a psicosssexualidade a partir de Freud, sendo esses:

- a) incrementou o entendimento do “eu” como uma força intensa, vital e positiva, como a capacidade organizadora do indivíduo com o poder de reconciliar as forças sintônicas e as

forças distônicas e solucionar crises que surgem do contexto genético, cultural e histórico de cada indivíduo (Bordignon, 2008: 108).

Diante deste tópico, pode-se ressaltar a relevância da autoimagem e autoconhecimento, consideradas pontos importantes para a relação com as forças sintônicas e forças distônicas. As forças sintônicas e distônicas podem ser vistas como: egossintonia e egodistonia. A egossintonia refere-se a harmonia entre o sujeito e seu comportamento, sentimentos... Já a egodistonia retrata um conflito psicológico do sujeito com seus comportamentos, sentimentos e pensamentos. A partir do autoconhecimento, consegue-se notar a fonte da angústia e instabilidade emocional.

“b) explicitou profundamente as etapas de desenvolvimento psicosssexuais de Freud, integrando a dimensão social e o desenvolvimento psicossocial” (Bordignon, 2008: 108). Corroborando com o exposto da observação, é possível notar através de Bordignon (2008), a influência da relação do meio e do Outro, no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Assim, a psicosssexualidade do sujeito, no caso da observação, da criança, está intrinsecamente conectada a sua dimensão social e desenvolvimento psicossocial, na qual tem como primeira influência o núcleo familiar.

“c) estendeu o conceito de desenvolvimento da personalidade para o ciclo da vida completo, da infância à velhice” (Bordignon, 2008: 108). Pode-se entender que o autor expõe a personalidade como uma construção, que ocorre ao longo da vida, e não como algo imutável e inerte. A personalidade pode ser influenciada, em diversos âmbitos, durante todo o desenvolvimento e vida do sujeito.

“d) explorou o impacto da cultura, da sociedade e da história no desenvolvimento da personalidade tentando ilustrar este estudo com a apresentação de histórias de pessoas importantes” (Bordignon, 2008: 108). O lugar que o sujeito está inserido influencia não apenas no desenvolvimento de sua personalidade, mas também no modo de perceber o mundo e seu comportamento.

Diante disso tudo, percebe-se a relação e influência entre o desenvolvimento psicosssexual do sujeito/criança, com os aspectos sociais, sobretudo no tópico a) e b). O entendimento do “eu”, ou seja, sua auto imagem, possui poder sobre o indivíduo, posto que o um sujeito é composto através do meio cultural, histórico e genético. Portanto, como foi demonstrado, o desenvolvimento psicosssexual do sujeito integra o aspecto social também,

correlacionando-se com o meio e o Outro. Em síntese, o desenvolvimento psicossexual e o entendimento do “eu” conversam com o meio e o Outro. O que corrobora com Rossato e Martínez (2011), quando referem-se a subjetividade constituída através de diferentes zonas de sentido.

Assim, percebe-se a importância do olhar atento as fases do desenvolvimento da criança, bem como sua atitude em relação a si mesma e o outro, pois esta sofre influência não apenas da sociedade e padrões pré-estabelecidos de comportamento infantil, mas da família também, o que pode ocasionar casos como abuso infantil ocorridos por parentes, entre outras problemáticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perante as problematizações levantadas no relato de experiência e no referencial teórico, os principais resultados apontam que: a) O bullying encontra-se presente no ambiente escolar e a banalização deste tipo de agressão ainda é recorrente; b) A família atua de forma significativa no processo de ensino aprendizagem e no comportamento do aluno; c) A transferência professor-aluno pode interferir na ética profissional; d) A demanda expressiva do sistema educacional prejudica na delimitação dos papéis dos profissionais da escola, o que afeta o atendimento adequado ao aluno.

Percebeu-se que em consequência da rotina frenética, os profissionais não conseguem oferecer uma escuta especializada para as situações. Diante disso, problematizações acerca de questões levantadas pelos alunos, seja inconsciente ou conscientemente não são abordadas de maneira adequada. Além disso, foi observado que há necessidade de formações para os educadores e orientadores a respeito das fases do desenvolvimento, cuidado com o corpo, consentimento e sexualidade.

4.1 RESULTADOS SUBJETIVOS: A OBSERVAÇÃO EM PSICOLOGIA(ESCOLAR)

Entende-se que a escola é o segundo ambiente (pois o primeiro entende-se que é a família), onde os indivíduos são inseridos desde a infância e permanecendo em grande parte, na adolescência. Portanto, através da convivência com seus pares na escola, é cada vez mais

comum que casos de bullying sejam observados por toda comunidade (alunos, pais, docentes, sociedade em geral) escolar (Oliveira, et al., 2018; Melo & Pereira, 2017; Unesco, 2019).

O bullying é uma forma de agressão, na qual pode ou não ocorrer violência, visto que há diferença entre violência e agressão. Dito isso, percebe-se que esse tipo de agressão pode acontecer de diversas formas e ambientes. Ele pode ser caracterizado através da repetição, intenção e papéis de poder (Oliveira et al., 2018). Após essa classificação, pode-se entender que alguns casos atendidos pela orientadora educacional são eventos clássicos de bullying.

Dados recentes (2019: 15) obtidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) informam que o bullying se dá, na maioria das vezes, através de “insultos, xingamentos e apelidos; golpes, agressão direta e roubo; e ameaças, difamação, exclusão social e isolamento”. O que corrobora com outros autores (Oliveira, et al., 2018; Alencastro, et al. 2018) e com o que foi observado na durante o período de estágio.

Neste contexto, ao observar a rotina da escola pública estadual, bem como os atendimentos feitos na orientação educacional, destaca-se a importância da não banalização, e até mesmo naturalização, do bullying no ambiente escolar. Percebendo assim, a importância da escuta sensível (Silva, 2016) perante os alunos e essa problemática.

Nessa perspectiva, observa-se que a escola não é feita apenas de professores e alunos, mas também de familiares e comunidade. A participação dos familiares em problemáticas escolares, pelas crianças ou adolescentes na qual são responsáveis, é de suma importância para o andamento da rotina escolar, o que corrobora com o que foi apreendido na escola observada, conforme a afirmação de Lima (2017: 31), na qual caracteriza como uma das funções psíquicas da família o suporte para uma “aprendizagem empírica, que delimita o processo cognitivo do ser humano”. Neves (2018) confirma quando expõe o tripé do desenvolvimento de crianças e adolescentes: ambiente familiar, escolar e social.

Posto isso, ressaltam-se dois pontos importantes observados na referida escola estadual: a ética profissional e a transferência professor-aluno. Lima, et al. (2017: 110) afirmam que “a instituição escola tem importante papel na construção e manutenção dos valores morais e éticos das sociedades civilizadas”, portanto, entende-se que, como papel importante para esses valores éticos, a escola e todos seus profissionais compreendam e participem para mantê-los.

Ainda no âmbito da ética, Monteiro, et al. (2016) elucidam que o propósito principal da ética é a mediação de conflitos, ou seja, mediar esses conflitos para que todos tenham um bom convívio na escola e, sobretudo, na sociedade. Quanto a transferência entre professor e aluno, na qual pode-se perceber na existência da rotina escolar, Silva (2005: 114) afirma sobre a existência dessa transferência e expõe: “através da relação de transferência, que é estabelecida entre a criança e o professor. Se o professor for sábio, não acreditará na superioridade que lhe é atribuída, mas não desilude o aluno, deixando aberto o campo do Outro, onde o aluno vai buscar suas próprias respostas”. Neste sentido, compreende-se a relação intrínseca da transferência e da ética profissional, pois se essa transferência entre professor e aluno prejudicar, de qualquer forma o estudante, esse educador estará sendo negligente quanto a sua ética profissional.

Após observar a dinâmica escolar do presente local de estágio, se identifica uma frenética e muitas vezes corrida prática, na qual os papéis (diretor, vice-diretor, orientador educacional, etc.) acabam se misturando em decorrência da demanda da escola no momento. Diante disso, percebe-se que pode acontecer a falta da escuta sensível (Silva, 2016) por parte desses profissionais, sobretudo da orientação educacional, em seus atendimentos.

Neste contexto de escuta sensível, percebe-se também a importância de formações (Chaves, 2011) voltadas a fases do desenvolvimento, cuidado com o corpo, consentimento e sexualidade, para que assim o educador possa refletir e abordar adequadamente essas questões.

A adolescência é um período de mudanças fisiológicas, cognitivas e psicológicas, de descobertas sobre si mesmo, da puberdade, bem como de desenvolvimento do pensamento reflexivo, raciocínio moral, maturação cerebral, ou seja, uma fase caracterizada pelo biopsicossocial (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silves, 2010).

Assim como na adolescência, o desenvolvimento infantil se dá de diferentes formas. No contexto observado, ele vai além da relação família-criança-escola e ensino-aprendizagem: envolve um emaranhado de significações e na qual a psicosexualidade se faz presente. Concorde-se com Casarotti (2011) quando a autora expõe a importância do esclarecimento logo que o interesse pela questão é demonstrada pela criança. Assim, a educação sexual age como resposta a não repressão e ao recalamento.

A honestidade advinda dos adultos para com a criança tem papel fundamental no manejo das questões acerca da sexualidade exposta pelos pequenos, assim como a educação

sexual. Ao tratar honestamente com eles, há possibilidade de abordar também problemáticas sobre consentimento, cuidado com o corpo e respeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se propõe a levantar problematizações acerca da experiência vivida num estágio de observação em psicologia. Apesar da clareza do tema e objetivo, o desafio se dá a partir disso também: a problematização. Problematizar observações subjetivas vividas num estágio é uma tarefa difícil, visto que o cuidado ético acerca das situações precisa ser protegido e, para isso, os observados, a escola e demais participantes das observações foram preservados.

Por meio da experiência vivida, percebeu-se que questões como o bullying, a participação da família, a transferência professor-aluno e o desserviço da demanda do sistema educacional são atuantes no cotidiano escolar observado.

Deste modo, ressalta-se a relevância da presença de uma escuta especializada, bem como uma formação voltada para isso, pois os estudantes levantam conscientemente e inconscientemente diversas questões. Sem o olhar e escuta atenta do profissional, a possibilidade de problematizar e discutir sobre o que é apresentado passa despercebida.

Para isso, se destaca a importância do psicólogo escolar no cotidiano educacional. Não só no auxílio do manejo entre profissional educacional-aluno-família, mas também no aporte teórico e prático da escuta e observação em psicologia: a orientação educacional, o pedagogo, os pais. A importância de cada papel é singular e única, e muitas vezes, como o que foi observado, os profissionais escolares não estão preparados para o manejo de determinadas situações. Assim, pensa-se que a equipe multiprofissional, com um psicólogo atuante, contribui para o aprimoramento de determinadas questões que a rotina escolar apresenta, pois a equipe pode estar mais próxima da solução dos problemas, com seus diversos olhares.

Por fim, percebe-se que a psicologia escolar e a observação em psicologia faz a diferença nos atendimentos e na preparação e formação com os profissionais educacionais. Dessa maneira, se conclui que há relevância nos estágios curriculares e a observação dos problemas enfrentados pela escola, através do olhar e escuta atenta da psicologia escolar, bem como o funcionamento da gestão escolar da referida escola pública.

REFERÊNCIAS

- Alencastro, L. C. da S.; et al. (2018). O Teatro do Oprimido como estratégia de intervenção na redução do bullying escolar. *Revista de Enfermagem Referência*, IV(19), 91-98.
- Barboza, A. A.; Cardoso, R. da S. (2016). O uso precoce do álcool por adolescentes no Brasil e uma proposta de intervenção no espaço social comunitário, referenciado em Carl Rogers. *Revista Eletrônica de Extensão*, 13(21), 47-64.
- Casarotti, M. H. B. (2011). A sexualidade infantil frequenta a escola. In. Santiago, A. L.; Campos, R. H. de F. (Orgs.). *Educação de crianças e jovens na contemporaneidade: pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade* (pp. 115-127). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.
- Chaves, G. B. (2011). Os impasses da escola na abordagem da sexualidade. In. Santiago, A. L.; Campos, R. H. de F. (Orgs.). *Educação de crianças e jovens na contemporaneidade: pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade* (pp. 233-247). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.
- Ferrari, A. G. (2008). A psicanálise freudiana: uma introdução. In. Sarmento, D. F.; Rapoport, A.; Fossatti, P. (Orgs.). *Psicologia e educação: perspectivas teóricas e implicações educacionais* (pp. 07-16). Canoas: Salles.
- Fortunato, I. (2018). O relato de experiência como método de pesquisa educacional. In. Fortunato, I.; Shigunov Neto, A. (Orgs.). *Método(s) de Pesquisa em Educação* (pp. 37-50). São Paulo: Edições Hipótese.
- Gadioli, M. F. (2017). *Mochila escolar: negação/construção da identidade negra no cotidiano escolar*. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro.
- Justo, H. (2008). Aprendizagem centrada no aluno de Carl Rogers. In. Sarmento, D. F.; Rapoport, A.; Fossatti, P. (Orgs.). *Psicologia e educação: perspectivas teóricas e implicações educacionais* (pp. 93-104). Canoas: Salles.
- Lajonquière, L. de. (2007). *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens*. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima, F. R.; et al. (2017). Questões éticas na formação do pedagogo: entre o papel social da escola e a relação professor x aluno. *Revista REVASF*, 7(14), 108-119.
- Maia, L. C.; Mahfoud M. (2011). Experiência elementar e psicologia: da consciência de si à construção do contexto educacional. In. Santiago, A. L.; Campos, R. H. de F. (Orgs.). *Educação de crianças e jovens na contemporaneidade: pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade* (pp. 349-361). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.

- Melo, M.; Pereira, S. (2017). Comportamentos e motivos dos/as observadores/as de bullying: Contributos para a sua avaliação. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 31(2), 1-14.
- Monteiro, W. S.; et al. (2016). Ética: uma reflexão profissional. *Revista Eletrônica de Educação do Norte de Mato Grosso – Reenoma*, 1(1).
- Neves, J. G. (2018). *Ausências, violências e artes nas favelas*: um estudo sobre processos de socialização e respostas culturais em favelas do rio de janeiro. Projeto de conclusão de curso (Trabalho de Conclusão Curso de Direito) - Faculdade de Direito de Vitória – FDV, Vitória.
- Oliveira, W. A. de; et al. (2018). Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 23(3), 751-761.
- Orrico, D. F. P. C. B. (2016). *Gabinete de intervenção comunitária*. Relatório de estágio (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal.
- Rossato, M.; Martínez, A. M.. (2011). A subjetividade da criança. In. Santiago, A. L.; Campos, R. H. de F. (Orgs.). *Educação de crianças e jovens na contemporaneidade: pesquisas sobre sintomas na escola e subjetividade* (pp. 323-335). Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.
- Schoen-Ferreira, T. H.; Aznar-Farias, M.; Silvaes, E. F. de M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234.
- Silva, D. Q. da. (2005). *“Fracasso” escolar: que lugar é esse?* Psicanálise e educação. Porto Alegre: Evangraf.
- Silva, J. C. (2016). *A influência do gestor escolar na promoção do bem-estar docente*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade La Salle, UNILASALLE, Canoas.
- Unesco. Organização Das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2019). *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*. Brasília.
- Zimerman, D. E. (2008). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.